

PARA LER ALTHUSSER

Douglas Santos¹

ENSAIOS SOBRE A MISÉRIA DA TEORIA – 1

Ler atentamente é um exercício necessário ao estudo e é este o esforço que me proponho a desenvolver aqui. Tal exercício tem, antes de tudo, um fundamento de caráter pedagógico e, por isso mesmo, o dedico aos meus alunos (àqueles que já o foram e, quem sabe (?), àqueles que porventura ainda terei o prazer de conhecer).

PARA LER ALTHUSSER

No chamado “campo marxista” ou, para os não iniciados, naquele grupo de intelectuais e ativistas políticos que se consideram de esquerda e, mais que isso, veem no legado da dupla Marx e Engels² uma fonte inesgotável de conhecimento e inspiração – e não se incomodam em tornar tal postura um verdadeiro “ato público”- encontramos, como em todos os demais agrupamentos, pessoas muito diferentes e que, na melhor das hipóteses, possuem graves e profundas divergências entre si. Em poucas palavras: o campo marxista é, como todos os demais “campos” (religiosos ou não), um agrupamento de pessoas que busca, num determinado tipo de tradição, algum tipo de identidade e, diga-se de passagem, tais identidades são extremamente importantes para se garantir aprioristicamente algum tipo de relação e realização.

Se considerarmos a importância do legado de Marx e Engels para as diferentes formas de organização política materializadas a partir da Primeira Internacional dos Trabalhadores, não teremos nenhum motivo para nos espantarmos com esse fenômeno. Em alguns momentos tais divergências tornam-se suficientemente incompreensíveis a ponto de se tornarem alvo dos humoristas (o grupo inglês Monty Pyton no filme “A vida de Brian” tornou-se um clássico) ou de textos como de Jean Baudrillard em seu também clássico: Os Partidos Comunistas. Isso tudo sem levar em consideração o fato de, no interior do “campo”, alguns grupos denunciarem-se mutuamente como traidores e, quando alguns deles se reúnem e assumem o poder de Estado, há casos em que acabam se tornando o anti-exemplo do que se poderia imaginar da prática política das esquerdas (o campo das esquerdas) e, especialmente, dos marxistas.

Bem... considerando que esses dois primeiros parágrafos não devem ser mais que uma introdução a uma espécie de resenha, eis-me envolvido, como membro auto eleito desse chamado “campo marxista”, em mais uma tentativa de identificar suas mazelas, suas fragilidades, suas dificuldades.

¹ Docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

² Vale lembrar que para alguns marxistas Engels era um positivista e, portanto, a dupla que estou colocando em evidência também não é uma unanimidade dentro do “campo” em questão.

Iniciei este texto tendo em mente algumas observações que, me parece, devem ser realizadas em relação à edição feita pela Boitempo do primeiro volume do Capital (obviamente que estou me referindo à obra do Marx). Coisas que me (obviamente) chamaram a atenção e que em nada se relaciona à obra propriamente dita.

O melhor começo para meus comentários é, de fato, o texto que se encontra na “orelha” do livro e que foi assinado por nada menos que Francisco de Oliveira. É melhor citar primeiro e, depois, comentar:

“LER O CAPITAL

Esse é o título da edição brasileira do célebre texto de Louis Althusser e Étienne Balibar, com as devidas desculpas pelo plágio proposital, pois não encontro melhor forma de recomendar este clássico de Marx aos leitores lusófonos.

Nossa (...) brava Boitempo presta um novo serviço àqueles que necessitam recorrer ao texto mais completo sobre o capitalismo.

Ela reuniu um time formidável, encabeçado por Jacob Gorender, José Arthur Giannotti e Louis Althusser...”

Parei aqui, tentando imaginar o que nos queria dizer o grande Francisco de Oliveira. Pesarosamente e provavelmente, a contribuição de Jabob Gorender a esta edição d’O Capital deve ter sido uma de seus últimos trabalhos na direção do aprimoramento do debate no “campo marxista” (Gorender faleceu em 2013), mas a presença do nome de Althusser nessa lista de “encabeçadores” é algo, de fato, a se estranhar. O pensador francês faleceu em 1990, muito antes da existência da Boitempo e, igualmente, muito antes de se imaginar a necessidade dessa nova tradução d’O Capital para o português. Bem... Francisco de Oliveira não nos explica o porque colocou Althusser encabeçando esse time formidável e, creio, não acharemos nenhuma explicação para isso nessa edição, a não ser a possibilidade do autor do “texto de capa” ter sido mau informado.

Na nota da Edição temos uma referência que pode nos ajudar. Vejamos:

“A Boitempo Editorial agradece ao tradutor (...); aos professores (...) que se dividiram na leitura dos capítulos; a Francisco de Oliveira, Jacob Gorender, José Arthur Giannotti e Louis Althusser (por meio de seu espólio), autores dos textos de capa e de introdução (...)” (pág. 13)

Como se vê, o texto da Editora parece mais claro que o de seu convidado, aparentemente pouco esclarecido sobre o papel de cada um neste processo editorial.

De qualquer maneira, todo o equívoco deve chamar a atenção dos leitores por um simples e interessante detalhe: o que está fazendo Louis Althusser aqui? Incontáveis foram os comentadores d’O Capital. Para uma edição brasileira a presença de textos introdutórios de Francisco de Oliveira, Gorender e Giannotti é, no mínimo, o reconhecimento do legado desses homens ao pensamento de esquerda no Brasil e, sem dúvida, a mais justa das homenagens que se lhes poderia ser feita. Mas... Althusser? Ou outro qualquer comentarista para além dos diversos e diferentes prefácios do próprio Marx e de Engels (que, como se sabe, foi o organizador dos volumes finais da obra depois da morte de Marx) parece-me uma

escolha que não colabora para o debate. Cada um deles, em suas diferentes épocas, representaram ou foram porta vozes de grupos que se advogaram como os mais autênticos marxistas e, assim, só faria sentido se os principais comentadores preenchessem volumes e volumes muito mais avantajados que as mais de oitocentas páginas oferecidas pela Boitempo.

De qualquer maneira, creio que vale ir um pouco mais à frente, deixando de lado este discurso genérico de estranhamento e procurando identificar o sentido de algumas proposições althusserianas no interior do esforço da “pequena e brava Boitempo”, como nos avisa Francisco de Oliveira.

Começemos pelo título: “Advertência aos Leitores do Livro I d’O Capital” (pág. 39). Que quer nos dizer o pensador francês? Ora, ele quer nos “advertir”, não quer que leiamos a obra de Marx sem um preparo prévio, como pode fazê-lo algum leitor inocente, por assim dizer. Ele quer ser o leitor que antecede a leitura do leitor e, portanto, quer que, ao ser lido com antecedência, tornar o novo leitor uma reprodução de seus próprio parâmetros de leitura. Trata-se, portanto, de uma ótima intenção típica de alguém suficientemente petulante para se achar um leitor mais preparado que outros leitores ou, o que é mais duvidoso, alguém que imagina que pessoas completamente despreparadas e por puro acaso se debruçariam e leriam inocentemente uma obra como O Capital.

Vejamos o primeiro parágrafo:

“O que é O Capital? É a grande obra de Marx, a qual ele dedicou toda a sua vida desde 1850 e sacrificou, em provações cruéis, a maior parte de sua existência pessoal e familiar”.

Talvez valesse perguntarmos novamente: “O que é O Capital?” porque, efetivamente, a resposta de Althusser não responde à pergunta. Aparentemente estamos frente a uma obra resultado do sacrifício pessoal de um tal Karl Marx. Algo que efetivamente não nos diz se ela é interessante ou não e, mais que isso, trata as escolhas pessoais feitas pelo autor como se nelas houvesse argumentos suficientes para sua santificação – considerando, principalmente, as tais das “provações cruéis”. Fico a imaginar quantos foram os autores que dedicaram muito mais que suas vidas pessoais e familiares e tiveram como resultado obras medíocres. Para Althusser, tal como aqueles que se dedicam ao sacerdócio, Marx sacrificou sua vida pessoal e familiar. Um comentário para leigos, considerando que Marx, pelos prefácios que escreveu e o tom de seu texto, teve um grande prazer em fazer as descobertas geniais que fez e deu sentido à sua obra. Marx, efetivamente, não se entregou às forças reacionárias para redimir a humanidade de seus pecados ou para, depois de morto, ressuscitar ao terceiro dia e, até onde se pode perceber, procurou permanecer o mais distante possível de qualquer tipo de messianismo.

Continuemos:

“Esta é a obra pela qual Marx deve ser julgado. Por ela apenas, não por suas ‘obras de juventude’ ainda idealistas (...) Não por obras ainda muito ambíguas, como A Ideologia Alemã ou mesmo os Grundrisse (...)” (pág. 39)

Uma nova pergunta deve ser feita ao texto (já que ao autor não é mais possível): Marx deve ser ou está sendo julgado? E, na sequência, aproveitando o parágrafo: será que, efetivamente, seria possível afirmar que, independentemente da sua intencionalidade, a construção de uma obra como O Capital não teria de fato se iniciado quando Marx se torna um hegeliano de esquerda? Ou, será que seria possível a ele se livrar de sua própria vida para poder refletir sobre a vida?

Observe-se, ainda, que um dilema quase aritmético está embutido nesse parágrafo: em 1850, Marx tinha somente 32 anos e, considerando somente os textos mais conhecidos:

- É neste mesmo ano que publica “A Luta de Classes na França”;
- Em 1852 vem ao público o “Dezoito Brumário de Luís Napoleão”;
- Em 1857 ele publica os “Grundrisse”;
- Em 1859 o “Contribuição à Crítica da Economia Política”;
- 1865 “Salário, Preço e Lucro e, por fim, em 1867, o primeiro volume do Capital.

A cronologia coloca, de forma mais que evidente, o que as biografias de Marx apontam: pensando em termos das discussões sobre a literatura econômica existente n'O Capital, os Grundrisse, a Contribuição à Crítica e as Teorias da Mais Valia (texto elaborado entre 1861 e 1863 e publicado por Kautsky em 1905) foram verdadeiros e exaustivos exercícios que resultaram n'O Capital. Fazem, portanto, desse ponto de vista, elementos fundamentais para a compreensão da obra – desde que não se objetive julgar o autor, mas compreender o processo de construção de sua reflexão.

Por fim, a ideia de existir um “jovem Marx” idealista, cuja obra deve ser vista como de menor importância trata de tentativas de periodização cuja fragilidade está suficientemente amadurecida na literatura disponível e de uso comum no chamado “campo marxista”.

Quanto ao texto de Althusser publicado como uma espécie de apresentação, obviamente ele vai muito além desses primeiros parágrafos. Creio que o melhor é indicar o já clássico “A Miséria da Teoria” onde o historiador inglês E. P. Thompson esmiúça o pensamento althusseriano de maneira a não deixar dúvidas quanto à miserabilidade de seus fundamentos.

Assim, que fiquem esses meus comentários como um registro daquilo que ele realmente é: um simples estranhamento quanto a uma postura editorial, o que em nenhum momento coloca em questão a qualidade do trabalho materializado nessa nova versão da obra de Marx.

A título de bibliografia, vale apontar somente os dois livros a seguir, sendo que no primeiro está publicado o comentário de Francisco de Oliveira e o texto de Althusser que comentei e, no segundo, os comentários de Thompson que, até o momento, não precisam ser revisados:

MARX, K, O Capital, Livro I, São Paulo, Boitempo Editorial, 2013.

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.

Para ler Althusser

Artigo submetido em: 09/02/2014

Aceito para publicação em: 11/02/2014

Publicado em: 05/04/2014